

# Barrolândia ainda espera pelo GDF

4 SET 1987

CORREIO BRAZILIENSE

## Maria do Barro arca com despesas dos ex-invasores em Brasilinha

A 60 dias da instalação de Barrolândia — local onde foram alojadas 140 famílias que moravam na extinta favela da 110 Norte —, a 6 quilômetros de Brasilinha — parte das promessas feitas pelo GDF até agora não foi cumprida. As ruas foram encascalhadas, o poço artesiano já tem 150 metros de profundidade — faltando pouco para cumprir sua função — e não há problema de transporte para quem trabalha no Plano Piloto. Mas o posto de saúde, a escola e o caminhão-pipa exclusivo, que deviam estar à disposição da comunidade em 30 dias, ainda não foram colocados e quem está arcando com os custos é a Fundação Maria do Barro.

Para que não falte água aos moradores, os quatro funcionários da Fundação Maria do Barro e seus oito "agentes multiplicadores" (antigos habitantes da invasão que se incorporaram à entidade) têm que literalmente correr atrás de um dos três caminhões-pipa da prefeitura de Brasilinha. No final, a Barrolândia fica abastecida, mas a Fundação, além de gastar Cr\$ 1 mil 500 diariamente — 10 mil litros de água custam Cr\$ 500 — paga hora extra aos fornecedores que atendem à comunidade fora do horário de trabalho.

A escola para a comunidade de Barrolândia, criada há 15 dias, funciona em três turnos e atende a média de 30 crianças em cada uma das três salas de aula. Situada a 500 metros das habitações, o estabelecimento é uma pequena casa, cujo aluguel é de Cr\$ 1 mil 500. Para atender aos alunos, foi contratada apenas uma professora, proveniente da invasão, que recebe salário de Cr\$ 4 mil.

Atendimento médico é praticamente inexistente para os

moradores, que até hoje não dispõem de um posto de saúde. Segundo José Luiz Kincelel, arquiteto da Fundação, está sendo articulada uma espécie de convênio com um médico de Planaltina para que seja improvisado algo nesse sentido. "Nós estamos arcando com estes custos e ao mesmo tempo dando respaldo ao GDF", explicou.

### APROVAÇÃO

A despeito de todas essas dificuldades, os moradores de Barrolândia consideram-se satisfeitos com a mudança. E o caso de Hélio Chaves dos Santos, 27 anos, casado, três filhos. Quando morava na favela da 110 Norte, trabalhava como vigia noturno. Além de o salário não permitir à sua família "uma condição digna", ele e a mulher sentiam diariamente receio de ser expulsos da invasão de uma hora para outra.

Hélio afirmou que a partir do momento em que a artista plástica Maria do Barro ofereceu lotes aqueles que teriam de sair da invasão, "não tive mais medo de nada". "Sabia que se eu não encontrasse ninguém para me ajudar poderia contar com a ajuda de Deus". Abandonou o emprego e hoje faz parte do grupo de agentes multiplicadores da Fundação, ganhando como diarista. Voltar a Brasília não está em seus planos.

O casal Maria do Carmo e Albertino da Silva tem bons motivos para gostar de Barrolândia. Assim como os demais moradores, são eles que vão fabricar os tijolos e as telhas de sua casa e já receberam pedras para a estrutura básica. Albertino é pedreiro e trabalha no Plano Piloto. Ele pega o Circular até Brasilinha por Cr\$ 4,00, mas acha muito caro o preço da viagem até o Plano Cr\$ 19,00.

Os quatro filhos estudam em

Brasilinha. "Não é tão longe. São 40 minutos a pé que eles têm que caminhar todos os dias", disse Maria do Carmo. A água é levada aos moradores normalmente uma vez por dia, "mas estamos com medo que esta falte, pois antigamente a gente recebia água duas vezes por dia".

Futuramente as casas de Barrolândia serão numeradas, dispostas em quadras. Todas serão feitas pelos próprios moradores, com a tecnologia da Fundação.

A Fundação pretende desenvolver núcleos de produção em cada quadra e uma oficina comunitária. "Cabe aos moradores decidir em que pretendem trabalhar. Seja com barro, palha ou fibras", esclareceu o arquiteto. "Afinal, a primeira leva de pessoas que aqui chegou veio por livre e espontânea vontade. E é neste espírito que pretendemos trabalhar".

Quanto à perspectiva de Barrolândia ter que receber novos favelados, expulsos da 110 Norte, Kincelel afirmou que nas atuais condições em que o local se encontra isto não é possível. "A não ser que sejam oferecidas outras quadras e a infraestrutura oferecida se duplique". Outro ponto "de suma importância" é que os novos moradores estejam dispostos a "encarar a barra, pois o trabalho é duro e deve ser feito com boa vontade".

Até mesmo o clima de animosidade que existia entre os moradores de Brasilinha para com os favelados diminuiu sensivelmente. De acordo com o mestre de obras da Fundação, José Maria dos Santos, alguns comerciantes do município já mostraram interesse em montar seus estabelecimentos em Barrolândia.